

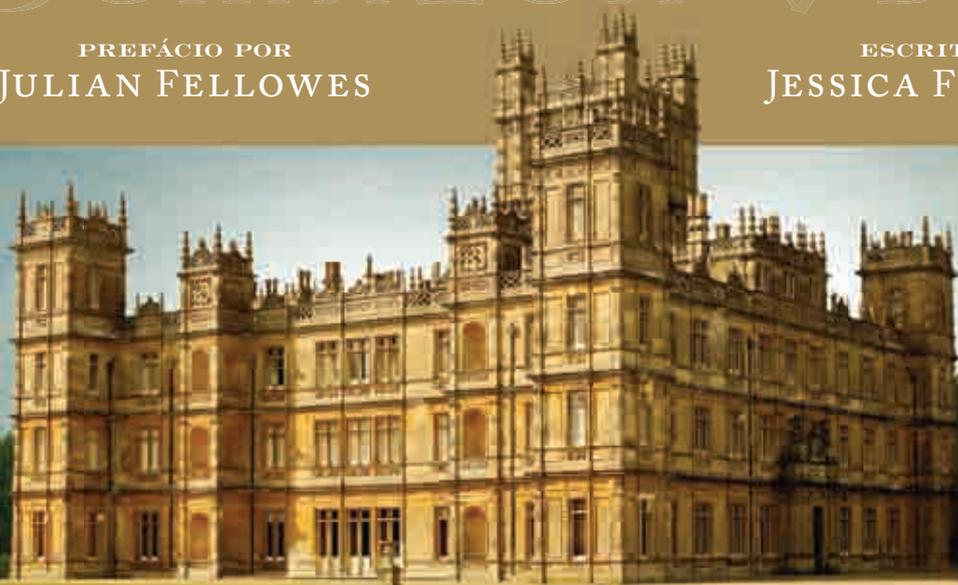
*As rivalidades e os romances revelados*



# O MUNDO DE DOWNTON ABBEY

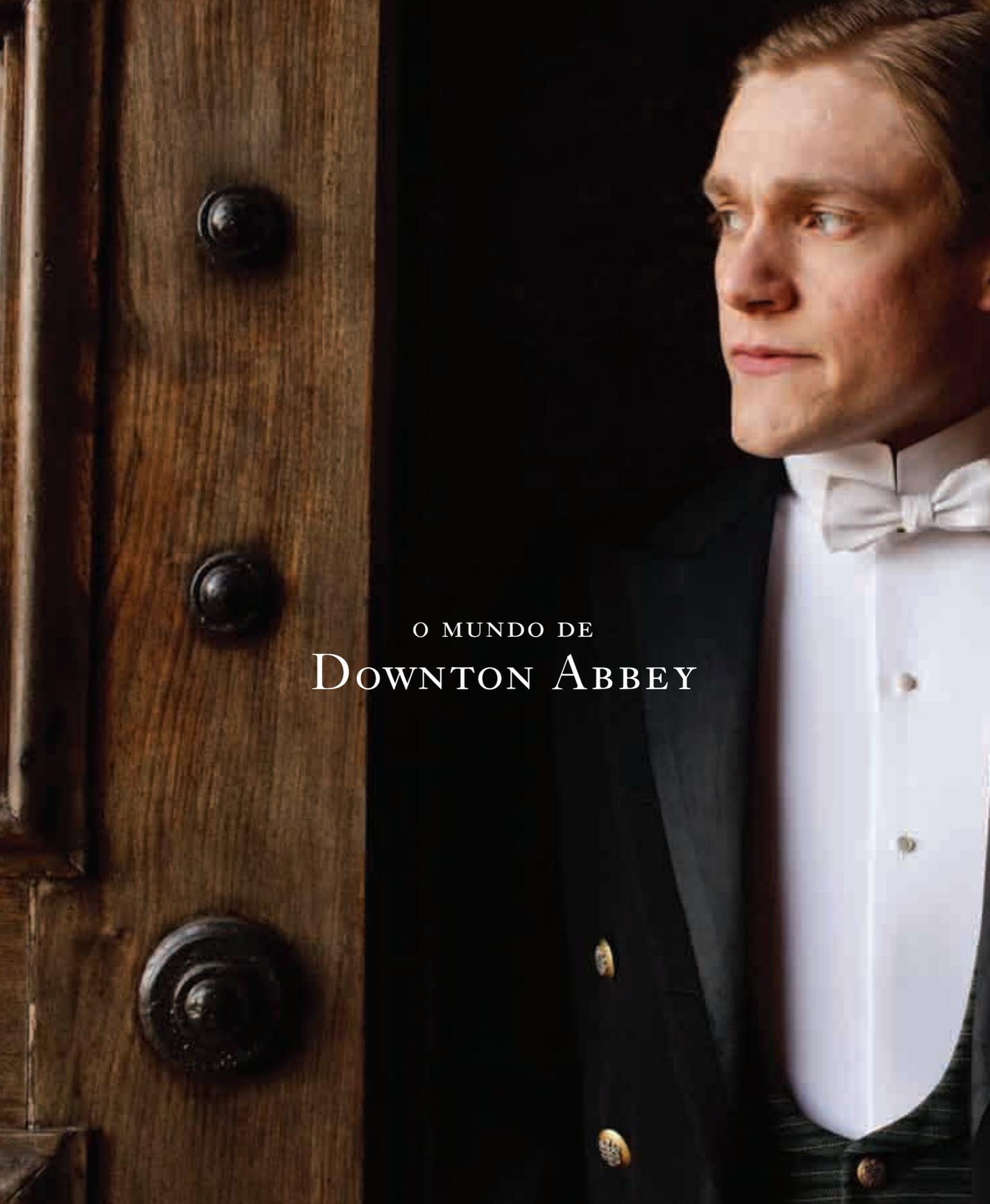
PREFÁCIO POR  
JULIAN FELLOWES

ESCRITO POR  
JESSICA FELLOWES



*As histórias e os segredos desvendados*



A man in a dark tuxedo with a white shirt and a light-colored bow tie is shown in profile, looking out of a window. The window frame is made of dark wood with several large, round, dark metal knobs. The lighting is dramatic, with the man's face and the window frame highlighted against a dark background.

O MUNDO DE  
DOWNTON ABBEY

Dear Mr. Charles,  
I shall be glad that you  
shall have heard that Mr. Cousin,  
of mine and Patrick Chawley,  
were drowned when the Titanic  
foundered. You may also be  
aware that, in consequence you  
are not presumptive to  
them.

Lady Crompton and  
her husband attend to  
with much pleasure  
you are all  
well.



UMA COPRODUÇÃO DE CARNIVAL FILMS / MASTERPIECE

O MUNDO DE  
**DOWNTON ABBEY**

TEXTO

**JESSICA FELLOWES**

FOTOGRAFIA

**NICK BRIGGS**

PREFÁCIO

**JULIAN FELLOWES**



LORDE GRANTHAM

*“Meu caro amigo. Todos nós temos episódios  
que preferiríamos não ver divulgados.”*

# Prefácio

Sempre gostei de residências rurais. Há algo em seu caráter autossuficiente, com cômodos diferentes e salas dedicadas a todo tipo de necessidade, criando o microcosmo de um mundo completo, que me é muito agradável. Mas, quando criança, vagando pelas casas dos amigos e dos parentes dos meus pais, sabia que estava olhando para as ruínas de um estilo de vida que, com raras exceções, já não se desenrolava em seu interior. Os quartos vazios no sótão ainda exibiam estrados de ferro ou cristaleiras empoeiradas, com placas sem nome presas nas portas, e remetiam a um lugar movimentado, que passara a ser habitado apenas por fantasmas. Aqueles estúbulos ressonantes, cheios de brinquedos abandonados e equipamentos de jardinagem enferrujados, as cozinhas imensas, entulhadas de malas descartadas, bicicletas quebradas e cartazes usados nas festividades do vilarejo, eram assombrados aos meus olhos de criança pelas sombras do que costumavam ser.

É claro, cresci nos anos de decadência desses monumentos ao passado. Eles perderam seu valor quando boa parte da aristocracia desistiu desse estilo de vida depois da guerra, e nos anos 1950 tais construções não serviam nem como um presente. Pelo contrário, derrubaram-se aquelas que não eram consideradas adequadas para exercer novos papéis, com frequência inapropriados, e assim, palácio a palácio, grande parte da herança cultural inglesa foi literalmente destruída. Até 1974, quando Roy Strong, o novo diretor do Victoria and Albert Museum, decidiu montar uma exposição chamada “A destruição das residências rurais inglesas” – e não é exagero dizer que tudo mudou, quase da noite para o dia.

Percebemos que aquelas casas foram parte importante da nossa história, que a vida que se desenrolara lá dentro relacionava-se com todos nós – não importa se nossos antepassados entravam pela porta da frente ou pelos fundos –, que não eram apenas celeiros enormes, de manutenção inviável sem um grande número de criados; eram, sim, símbolos do nosso caráter nacional dos quais deveríamos nos orgulhar.

E, enquanto aprendemos a amá-las outra vez, uma geração mais jovem inventou uma nova maneira de viver nelas. Não se lamentaram pela ausência dos empregados que nunca chegaram a ter. Viam apenas o espaço e suas possibilidades. As cozinhas enormes foram reabertas, e os terríveis corredores e antessalas que serviram para a geração de nossos pais foram abandonados. Hoje, a família opta por ocupar as cozinhas a seu modo, levando televisões e sofás e brinquedos e adequando-as ao atual estilo de vida. Os ajudantes não dormem no andar de cima, nos sótãos: vêm dos vilarejos para o trabalho; chamam os patrões pelo primeiro nome; e sentem, com certa razão, que o bom funcionamento da casa também é de seu interesse. De alguma forma, os proprietários de terra se reinventaram, assim como a aristocracia havia feito tantas vezes no passado, e encontraram um lugar para si e suas residências na Grã-Bretanha moderna. Essa talvez tenha sido a principal inspiração para a série *Downton Abbey*. Sentimos que, para penetrar nesse território, o *zeitgeist* atual exigia que se conferisse o mesmo peso, em termos de narrativa, probidade moral e até mesmo simpatia, em relação a ambas as partes da comunidade doméstica: a família e os empregados. Espero que tenhamos conseguido isso sem favorecer um grupo em detrimento do outro, o que estou convencido de que permanece como uma das maiores qualidades do programa.

Como a maior parte das coisas boas da minha vida, *Downton Abbey* surgiu totalmente por acaso. Estava tentando criar um projeto bem diferente com o produtor Gareth Neame e, quando percebemos, finalmente, que não daria certo, encontramos-nos para jantar e encerrar o dia. Foi então que Gareth sugeriu que nos aventurássemos outra vez no território de um filme cujo roteiro eu escrevera alguns anos antes, *Assassinato em Gosford Park*, mas dessa vez pensando na televisão – e foi assim que tudo começou. *Gosford* se passava numa enorme residência rural em novembro de 1932 e tratava de um grupo de caçadores e seus empregados, tanto os que atuavam na casa quanto os que trabalhavam para os convidados. Portanto, estava bem claro o que Gareth queria. A princípio, fiquei um pouco

nervoso diante do risco de voltar a um mesmo tema, mas a ideia ganhou força, e assim nasceu *Downton Abbey*. A televisão – ou melhor, as séries de televisão, com seus finais abertos e o tempo ilimitado para o desenvolvimento de qualquer personagem – continha possibilidades que as restrições da narrativa de um filme não podiam oferecer. Decidimos voltar vinte anos no tempo, até 1912, pois já estava implícito em *Assassinato em Gosford Park* que tudo aquilo estava acabando; mas não queríamos ir além disso porque concordamos que a ação deveria se passar num universo familiar, com carros, trens, telefones e muitos outros aparelhos modernos, apesar de ainda embrionários, o que definiria claramente a relação do período com a atualidade.

Achei o projeto tão interessante porque o meio século decorrido entre 1890 e 1940, aproximadamente, parece estabelecer uma ponte do velho para o novo mundo. No início, a sociedade era governada segundo regras que não mudavam muito desde a conquista normanda da Inglaterra. As invenções trouxeram mudanças, é claro, mas, aparentemente, ainda não havia sido desafiada a rigidez da pirâmide social, a noção de que todos tinham papéis diferentes a desempenhar e de que, até certo ponto, nasciam para desempenhá-los. Na verdade, sob a superfície serena dos longos verões eduardianos, transcorriam muitos questionamentos. O movimento sindical, a defesa dos direitos da mulher, o marxismo, tudo isso aguardava nos bastidores, e seriam necessários apenas mais alguns anos para que ocupasse o centro do palco. Novos meios de transporte viriam a encolher o mundo; novos métodos de produção o transformariam. Para a maior parte da população da antiga Europa monárquica, ou pelo menos para aqueles que eram jovens na virada do século, o mundo em que morreriam não se pareceria em quase nada com o mundo em que nasceram, a despeito de nacionalidade ou de classe social.

Minha tia-avó Isie, que serviu de inspiração para a personagem de Violet Grantham, nasceu em 1880, o que a tornaria dez anos mais velha do que Lady Mary Crawley. Ela morreu em 1971, aos 91 anos, e por isso eu a conheci bem. Pertenceu a uma geração de moças que nunca foi à escola, e sua mãe só lhe permitira assistir palestras universitárias em Londres sob duas condições: jamais faria uma prova e sempre estaria na companhia de uma criada. Isie foi apresentada à sociedade em 1898, casou-se antes da Primeira Guerra Mundial e se estabeleceu em uma casa na área de Cadogan, “bem perto da loja Peter Jones, querido”,

com um mordomo que fora o primeiro laçao da Sra. Willie James, suposta filha ilegítima do Rei Eduardo VII. Perdeu o marido na Primeira Guerra, o único filho na Segunda e viveria para ver o homem pousando na Lua. Ao conhecê-la e ouvir suas histórias, tive a clara impressão de que a “história” não é algo tão distante.

Para a maior parte da aristocracia, o estilo de vida vivido em Downton terminaria em 1939. Claro que, depois da guerra, ainda haveria quem empregasse mordomos e cozinheiras, como acontece até hoje, mas deixara de ser a regra disseminada, até certo ponto em cada vilarejo e aldeia, de Land’s End a John o’Groats. Muitas casas foram requisitadas pelas Forças Armadas, pagando um preço por isso, e débitos e hipotecas acumulados com o colapso da economia agrícola nas décadas de 1880 e 1890 tornaram desinteressante a ideia de reabri-las quando o combate terminou, seis anos mais tarde. Seu renascimento só aconteceria cerca de trinta anos depois da Segunda Guerra, e então, como já disse, os novos proprietários a habitariam de outro modo. Felizmente, esse renascimento foi, em muitos casos, bem-sucedido, e antigas famílias britânicas continuaram a escrever outro capítulo da sua longa história – o que nos traz de volta aos Crawley de Downton Abbey. Mas, quando se trata do quanto viajaremos com eles ao longo de décadas de desafios e de mudanças que afetarão sua civilização, isso ainda é algo que está por vir.

Julian Fellowes  
*Julho de 2011*



Earl of Grantham  
Grantham Abbey



# *Vida em Família*

---

CAPÍTULO UM



**CHARLES CARSON**  
Mordomo



**ELSIE HUGHES**  
Governanta



**JOHN BATES**  
Valete de Lorde Grantham



**SARAH O'BRIEN**  
Camareira de  
Lady Grantham



**BERYL PATMORE**  
Cozinheira



**ANNA SMITH**  
Chefe das arrumadeiras



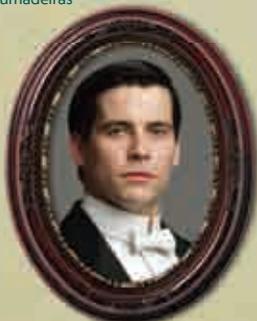
**GWEN DAWSON**  
Arrumadeira



**ETHEL PARKS**  
Arrumadeira



**DAISY ROBINSON**  
Ajudante de cozinha



**THOMAS BARROW**  
Primeiro lacaio



**WILLIAM MASON**  
Segundo lacaio



**TOM BRANSON**  
Motorista



VIOLET  
A CONDESSA MARIARCA  
DE GRANTHAM



ROBERT  
O CONDE  
DE GRANTHAM



CORA  
A CONDESSA  
DE GRANTHAM



LADY MARY  
CRAWLEY



LADY EDITH  
CRAWLEY



LADY SYBIL  
CRAWLEY



ISOBEL CRAWLEY



MATTHEW CRAWLEY

Abril de 1912.

O sol nasce por trás de Downton Abbey, uma casa grandiosa e esplêndida em um terreno grandioso e esplêndido. A casa parece tão segura de si que dá a impressão de que o modo de vida que ela representa irá durar mais mil anos.

Mas isso não acontecerá.

*B*em-vindo ao mundo de Downton Abbey, um lugar que cativou a admiração de milhões de espectadores que acompanharam as vidas de uma família e de seus serviçais. Tendo como pano de fundo a decadência da sociedade eduardiana, observamos o desenrolar de seus dramas pessoais e, por meio deles, acompanhamos os horrores e as mudanças trazidas pela Primeira Guerra Mundial. Talvez aí esteja o fascínio: não se trata apenas de belos cenários, roupas suntuosas ou atores talentosos, mas a possibilidade de experimentar a vida como ela era há cem anos. Percebemos as diferenças entre nós e eles – a rígida hierarquia social, as sutilezas de etiqueta, as roupas sufocantes e a batalha das mulheres para se fazerem ouvir. Ao mesmo tempo, algo permanece igual: a vida em família.

Em Downton, a *família* vem em primeiro lugar, seja no que diz respeito aos laços de sangue dos Crawley ou aos relacionamentos entre os empregados no andar de baixo. Podemos reconhecer personagens familiares entre eles: Violet, a matriarca, a avó antiquada; Mary, Edith e Sybil, as irmãs briguentas; Robert e Cora, os pais amorosos; ou Rosamund, a cunhada intrometida. Alguém que tenha deixado para trás seu antigo lar para estabelecer novos elos com colegas de trabalho ou com amigos também está formando uma nova família, exatamente como os criados de Downton. Carson e a Sra. Hughes representam pais firmes e justos; Thomas e O'Brien, irmãos conspiradores; e Daisy é a caçula – assim, a criadagem permanece isolada por trás da grossa cortina de lã que separa o andar superior do inferior. Agrupados em alojamentos apertados, trabalhando duro e por muitas horas, os empregados ainda



**Hugh Bonneville é Lorde Grantham**

---

“Downton Abbey é um microcosmo da sociedade. Tinha um mecanismo próprio para garantir seu funcionamento – sem senhores e escravos, mas com uma organização peculiar em que todos dependiam uns dos outros para seguir em frente.”



### Dan Stevens é Matthew

“Não existe uma rotina, mas, se a programação for de um dia inteiro de filmagens, o carro me pega às 5h30 para me levar a Highclere, onde me encontro com o resto do elenco ainda com cara de sono. Depois do café da manhã e de vinte minutos na cadeira de maquiagem, estou pronto para começar. Às vezes filmamos duas ou três cenas numa manhã, mas o normal é levar todo esse tempo em uma única sequência. A hora do almoço é uma boa oportunidade para sentar no ônibus e conversar com os colegas e com o pessoal da equipe. Gravamos mais cenas de tarde, até o intervalo para o chá, às 16h, o que causa certo alvoroço. Não podemos levar comida ou bebida para dentro da casa, somente água. Em geral, nos amontoamos em algum lugar para nos proteger da chuva, mas quando acontece um belo dia de sol, podemos tomar o chá no gramado. Terminamos por volta das 19h, e me levam para casa.”

assim encontram segurança nas relações que estabelecem entre si. Como todas as famílias, eles têm seus altos e baixos, seus prediletos e algumas briguinhas à toa.

Downton Abbey é mais do que apenas uma casa; é também um lar para a família e os criados. Todos se esforçam para manter a casa e a propriedade em ordem, pronta para a próxima geração. Assim, quando surge a questão da herança, todos são afetados – tanto no andar de cima quanto no de baixo. Mesmo um reino em miniatura precisa saber quem é o rei.

Por enquanto, Robert, o Conde de Grantham, ainda é o senhor de seus domínios. Nesse papel, ele tem deveres a cumprir, assim como Daisy, a serviçal no posto mais baixo da hierarquia da criadagem. Um lugar como Downton Abbey não pode funcionar direito a não ser que todos compreendam seus papéis.

Existe uma hierarquia clara: cada criado ocupa uma posição. As empregadas lidam com a roupa suja, mas o acabamento dos trajés do patrão e da patroa é responsabilidade de Bates, valete do conde, e da Srta. O'Brien, camareira de Lady Grantham. Os dois exercem funções vitais, estão entre os poucos que transitam com desenvoltura entre os andares e contam com a confiança dos patrões. O restante da criadagem provavelmente acha que os dois têm rotinas mais fáceis do que a dos outros, sem mais para fazer do que atender às necessidades do conde e de sua esposa. Mas, desde a primeira xícara de chá servida pela manhã até o último pedido à noite, eles precisam estar de prontidão, com poucas pausas para o descanso. A relação é de confiança e pragmatismo: Bates e O'Brien são recebidos nas alcovas, nos quartos de vestir e até nos banheiros dos patrões, o que os deixa a par de muitos pormenores da vida privada da família e lhes confere uma posição de poder na casa. Podem usar os detalhes em proveito próprio, provocando ou ameaçando outros empregados – como acontece quando O'Brien descobre antes de todos que o herdeiro de Downton Abbey morreu afogado no naufrágio do *Titanic*.

Por outro lado, as arrumadeiras Anna, Ethel e Gwen e a ajudante de cozinha Daisy trabalham nos bastidores. Acordam cedo para tirar a poeira, afofar as almofadas, limpar lareiras e acender o fogo antes que a família desça para o café da manhã. Somente depois que os quartos estão vazios é que as criadas entram para trocar os lençóis, reabastecer os potes de biscoitos e as jarras d'água. Passam o restante do dia em tarefas de limpeza determinadas pela governanta, a Sra. Hughes, como bater os tapetes ou polir os metais, além de atenderem as meninas Crawley ou qualquer

## UM DIA NA VIDA DE DAISY

---

**4h30:** Nas primeiras horas da manhã, a ajudante de cozinha Daisy acorda sozinha, veste o espartilho de segunda mão, o vestido simples e o avental e desce correndo as escadas para atizar o fogo da cozinha. Ela entra sorrateiramente nos quartos da família para acender as lareiras antes de voltar para a cozinha, passar graxa no fogão e montar a mesa do café da manhã na sala dos empregados.

**6h:** Daisy bate na porta das arrumadeiras para acordá-las e em seguida pega o cesto de lenha, escovas, graxa, fósforos e papel para acender as lareiras no andar térreo – onde ficam as bibliotecas, a sala de estar, a sala de jantar e o salão principal. Raramente visto e nunca ouvido, o hall boy, outro empregado de baixo escalão, já havia abastecido os alçapões com carvão e lenha.

**10h:** Daisy ainda está com espuma até os cotovelos quando William e Thomas trazem a louça do café da manhã, exceto os itens de vidro, que eles mesmos lavarão. Não há descanso nem após o último prato ser colocado para secar; a Sra. Patmore ordena que ela esfregue as tigelas e panelas que serão usadas para fazer o almoço antes que ela comece a picar as verduras.

**14h:** Depois que o almoço foi servido e retirado, Daisy precisa lavar todas as panelas e louças mais uma vez, para que tudo esteja pronto para o jantar.

**16h:** Os empregados tomam chá, apesar de nem todos poderem se sentar à mesa ao mesmo tempo. Este merecido intervalo termina com o soar do gongo que marca o horário em que a família se retira para os andares superiores para trocar de roupa para o jantar.

**19h:** Neste momento, Daisy já está acordada por mais de 13 horas, mas não pode ficar sonolenta. A parte mais movimentada do dia está prestes a começar com os últimos preparativos para o jantar da família, assim como para a refeição dos empregados.

**20h30:** As tigelas e as panelas, que foram esfregadas até reluzir depois do almoço e aprontadas para a hora do jantar, agora precisam ser novamente limpas.

**21h45:** Quando o jantar termina, Daisy coloca as mãos doloridas na água quente com sabão pela última vez no dia, para lavar a louça e os talheres. Depois de comer algo na cozinha, a Sra. Patmore a mandará para a cama, para sua decepção: só depois que os empregados terminam o trabalho e relaxam em seus aposentos, após o jantar, é que a diversão começa.

Amanhã será a mesma coisa. Com apenas meio dia de folga por semana, a rotina é implacável. Ao fim do árduo dia, Daisy sobe a escada, penosamente, até seu quarto. Algumas horas mais tarde, ela acordará outra vez para mais um dia em Downton Abbey.



**Julian Fellowes, roteirista**

“Numa casa desse tamanho, normalmente haveria uma lavadeira, responsável pela louça; uma assistente de cozinha, que prepararia os ingredientes; e uma cozinheira para os assados. Para facilitar a narrativa, Daisy incorpora as funções de diversas criadas em um só personagem.”





### **Julian Fellowes, roteirista**

“Apesar de hoje em dia os sinos serem vistos como símbolos de servidão, na época em que os quadros de sinetas surgiram, por volta da década de 1820, foram considerados um verdadeiro símbolo de liberdade.

Até então, os lacaios tinham de ficar sentados em duros bancos de madeira, ao alcance da família – geralmente no corredor. Eles ouviam recados como: “Por favor, peça à camareira para vir.” Desciam, encontravam a camareira e voltavam para o assento.

Com o quadro de sinos, não apenas eles podiam ficar onde quisessem, como também se soasse o sino do quarto da patroa, por exemplo, ficava imediatamente claro quem estava sendo chamado.”

convidada que visite a família desacompanhada. Podem ser chamadas a qualquer hora; cada cômodo conta com uma corda que é puxada quando se deseja ajuda. Ela se conecta a um fio que faz soar um dos diversos sinos em um painel na sala dos empregados, no andar inferior. Cada sino corresponde a determinado cômodo, para que o empregado adequado possa atender. O soar dos sinos é o som que governa a vida da criadagem.



# O GUIA OFICIAL DAS DUAS PRIMEIRAS TEMPORADAS



*“O sol nasce por trás de Downton Abbey, uma casa grandiosa e esplêndida em um terreno grandioso e esplêndido. A casa parece tão segura de si que dá a impressão de que o modo de vida que ela representa irá durar mais mil anos.*

*Mas isso não acontecerá.”*



ISBN 978-85-8057-202-5



9 788580 572025

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)